

# Óleo contamina córrego

Enxurrada leva asfalto usado na construção de viaduto para ribeirão da área rural do Gama. Cerca de 5 mil pessoas estão sem água potável

» LUIZ CALCAGNO

A empreiteira Premenge recebeu uma multa de R\$ 101.790 por ter deixado vazar asfalto para um córrego na divisa entre o Distrito Federal e Goiás. O líquido tóxico escorreu da construção de um viaduto na BR-060 (Brasília-Goiânia). A obra acabou embargada e só deve ser retomada após a completa limpeza do manancial. Não há previsão para o término do serviço. O acidente deixou sem água potável 5 mil moradores do Núcleo Rural Engenho das Lajes, no Gama. Também não existe prazo para a volta do abastecimento normal, por causa da contaminação. O Instituto Brasília Ambiental (Ibram) já pediu o indiciamento dos responsáveis pela construção.

O desastre ambiental ocorreu após uma chuva forte que caiu na tarde de terça-feira. As águas carregaram cerca de 20% dos 6 mil litros do óleo usado na construção do viaduto que ligará a BR-060 à DF-290. O produto que vazou é o CM30, o asfalto diluído de petróleo. Ele escorreu no Córrego Engenho, afluente do Rio Corumbá. As autoridades começaram a tomar as providências ontem. O Ibram registrou ocorrência na Delegacia Especial do Meio Ambiente (Dema), responsabilizando os técnicos da Premenge pelo acidente. No entanto, como a Polícia Civil está em greve, o caso não começou a ser investigado pela delegacia.

Para o Ibram, trata-se de um acidente de grandes proporções. "É um dos maiores acidentes do DF. Exigimos medidas de emergência, e não basta que eles realizem a limpeza, é preciso que façam uma contenção do material aplicado, para que outra chuva não piore a situação", afirmou o diretor de Fiscalização do Ibram, Carlos Henrique Aragão. "Além disso, eles (a Premenge) também serão responsáveis pelo abastecimento de água da comunidade enquanto o problema durar", completou.

## Primeiras ações

Moradores de uma chácara limitada pelo córrego chamaram o Corpo de Bombeiros assim que viram óleo na água. O caseiro Francisco José de Araújo, 22, contou que, após a chuva, sentiu um cheiro forte. "O córrego estava com uma nata preta. Avisei o meu patrão, que chamou os bombeiros", contou. "O Corpo de Bombeiros demorou cerca de quatro horas para chegar. Grande parte do produto já tinha decidido quando eles apareceram", emendou. O patrão de José, o comerciante Oswaldo de Freitas, 26, ficou

## » Memória

### Querosene e piche no lago

*Em 1º de dezembro de 2006, um acidente similar ao ocorrido ontem poluiu as águas do Lago Paranoá com uma mistura de querosene e piche, no que seria o primeiro acidente ambiental do manancial. O produto foi jogado sobre o solo por funcionários da empresa Orca Construtora, para asfaltar o estacionamento do Carrefour, no Setor Terminal Norte. Uma forte chuva caiu no local, carregando a mistura para o lago. A mancha de óleo chegou a atingir 1km de extensão.*

## » QR code



Para assistir à videoreportagem sobre o vazamento de asfalto, fotografe o QR Code ao acima com o software leitor de código de barras do seu celular e acesse o conteúdo multimídia. Caso você não tenha o programa, envie um SMS com a palavra QR para o número 50035. Você receberá um link para fazer o download gratuito do software. O custo do SMS é de R\$ 0,31 + impostos. Só é preciso baixar o software uma vez. O **Correio** não cobra nada pelo conteúdo, mas, cada vez que você o acessar, estará navegando na internet e pagará pelo tráfego de dados à sua operadora.

## Retenção de produtos

Para conter o asfalto diluído de petróleo, o Corpo de Bombeiros usou um tubo com gel adsorvente, que impede a passagem do produto e retém parte dele. Além do tubo, foram usados mantos com a mesma característica do tubo.

Breno Fortes/CB/D.A Press



Contenção de produto tóxico começou a ser feita, mas não há previsão para limpeza e reabastecimento de água

preocupado com a fauna e a flora da região. "Aqui é uma área valiosa. Muitos animais bebem desse rio, inclusive o tatu canastra, que é uma espécie em extinção", reclamou.

O Corpo de Bombeiros do DF fez o trabalho de contenção de parte do CM30 na noite de terça-feira e na manhã de ontem. Cerca de 20 homens das companhias de mergulho e de produtos perigosos trabalharam em conjunto e usaram equipamentos para barrar o avanço do produto. "Foi feita uma contenção na bomba de captação de água da Caesb e outra para que o óleo não se espalhe pelo rio. A retirada dessas barreiras, bem como o descarte das mesmas, deve ser feita pela empresa responsável pelo derramamento do produto", comentou o sargento Wesley Lima.

## Limpeza

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) pediu um relatório completo das medidas de recuperação adotadas pela construtora. Técnicos do Ibama vistoriaram as obras no início da tarde de ontem. A equipe orientou funcionários da Premenge sobre como conter o óleo e limpar as partes mais próximas à obra.

O coordenador de atendimentos de emergência do órgão, Marcelo Amorim, disse que se a empresa não fizer o trabalho de contenção e limpeza, uma próxima chuva pode agravar ainda mais a situação. "O problema inicial da contaminação foi a interrupção na coleta de água, mas também tem

a questão dos animais que precisam do manancial e a vegetação, que foi queimada pelo produto. Eles poderiam ter evitado esse acidente se tivessem realizado uma barreira após a aplicação do produto", observou.

## Caminhão-pipa

Até que seja retomado o abastecimento normal de água no Núcleo Rural Engenho das Lajes, os moradores da localidade serão atendidos por caminhões pipa contratados pela Premenge. "O transtorno é relevante e nossa prioridade é diminuí-lo. Ainda não dá pra dizer em valores o tamanho do prejuízo. A população deve ser racional no uso da água, e os ribeirinhos devem evitar usar as águas do córrego até que esteja feita a limpeza", des-

## » O que diz a lei

### Multa e cadeia

A Lei Federal nº 9605/98 regulamenta as sanções penais e administrativas recorrentes de ações que causem dano ao meio ambiente. Dentre outras determinações, a legislação prevê multa e prisão de um a quatro anos em caso de poluição do meio ambiente que possa causar danos à saúde das pessoas e morte de animais e plantas. Em casos como o do Engenho das Lajes, onde o fornecimento de água precisou ser cortado, a pena pode subir para cinco anos.

## ESTRAGO EM NÚMEROS

# 6mil

litros de asfalto diluído em petróleo foram usados na obra

# 20%

do total aplicado teriam sido levados pelas águas da chuva

# 5mil

moradores do Núcleo Rural Engenho das Lajes ficaram sem água potável

tacou a superintendente de produção de água da Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb), Tânia Bailão.

O advogado da Premenge, Leo Rocha Miranda, garantiu que a empresa pagará pela limpeza da área afetada, pelo asfalto e pelo abastecimento de água dos moradores. "Também contratamos a empresa que irá realizar o transporte de água para a população. Isso deve neutralizar o problema. O fato é que as obras só vão prosseguir após sanadas todas as ocorrências. Nossa prioridade é evitar que isso se agrave", afirmou. Para ele, o que aconteceu foi "uma intemperie imprevisível". "No momento em que a enxurrada levou o produto para o córrego, não foi possível fazer nada", alegou.